



# Ministério

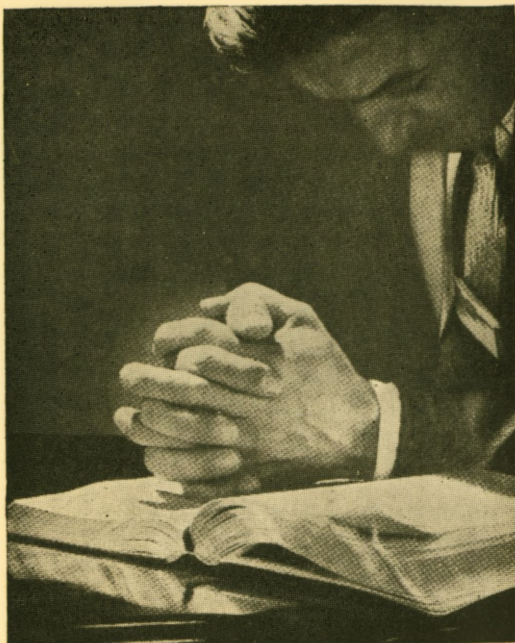
## *Adventista*



Março-Abril de 1966



# Um Presidente Orou Comigo



TENHO estado no ministério pouco mais de catorze anos, e trabalhei sob a direção de seis presidentes de Associação, em três Uniões diferentes. Recentemente tive uma experiência que me causou profunda impressão.

Duas ou três vezes ao ano, penetro no escritório de meu presidente para uma palestra sobre assuntos de meu distrito. Outras vezes comunico-me com êle por carta ou telefone. Esta visita especial foi uma das visitas rotineiras, sem problemas prementes — apenas uma breve parada a serviço. No fim de nossa entrevista ocorreu a experiência singular — o presidente sugeriu que nos ajoelhássemos para orar juntos.

Decorreram vários meses desde esta notável experiência. Não me lembro mais do que foi mencionado na oração; não recordo quem foi o primeiro a orar, se o presidente ou eu. Lembro somente que o presidente da Associação orou comigo. Não me esquecerei tão logo da impressão ou da bênção que recebi.

Agora, para que não se tire uma conclusão errada, desejo dizer que tenho orado, tanto em público como em particular, com todos os presidentes sob cujas ordens labutei. Apenas estou afirmando que nunca alguém orou comigo quando não parecia haver algo especial sobre que orar além das questões habituais que todos enfrentamos. Até então parecia que somente os problemas reais, que nós mesmos não podíamos resolver, requeriam nossas orações conjuntas. Esta experiência teve o seu efeito sobre mim.

Reconheço que pode ser difícil e inconveniente que o presidente ore com cada pastor que entre no seu escritório. Não o estou salientando como sendo uma necessidade; simplesmente quero dizer que o pêndulo oscila com mais vigor, quando há mais freqüentes períodos de oração com nossos administradores. Entretanto, os presidentes de Associação podem ter muitos problemas de que nós pastôres locais não estejamos informados, e diariamente devemos lembrar-nos deles.

Por outro lado, nós pastôres temos muitos problemas de que êles talvez nada saibam, pois sentimos a responsabilidade de fazer com que êles não sejam sobrecarregados com tôdas as dificuldades que surgem em nossas igrejas. Mas na comunhão da oração há poder. Por bondade, irmão presidente, ore conosco e por nós.

UM PASTOR



## EDITORIAL

# Por Que Amo a João

ENOCH DE OLIVEIRA

**J**OÃO, o apóstolo do amor, sempre mereceu o meu mais profundo aprêço pelas elevadas e enobrecedoras virtudes reveladas em sua luminosa existência.

Ele tem sido lembrado, através dos tempos, pelos amantes da História Sagrada, como o varão que, enternecido, reclinou a sua fronte no peito amigo de Jesus, quando da instituição da Ceia do Senhor.

Que encantador quadro, emoldurado de graça e beleza! Um temperamental e rude pescador, admiravelmente transformado por Cristo, reclinado ternamente no seio d'Aquele a quem tanto amou.

Lendo a vida pregressa deste piedoso apóstolo, antes do seu proveitoso aprendizado com o excelso Mestre, verificamos nêle, entre outros deméritos, a intolerância que, não raro, o arrastava aos atos de vindita e truculência. Seu espírito arrebatado, sua natureza impulsiva, deram-lhe triste notoriedade. "Boanerges" (filho do trovão) — assim lhe chamou Jesus — era bem o epíteto que, com propriedade, definia o seu caráter explosivo, o seu temperamento inflamável.

Certa vez — informa-nos o Evangelho — com o semblante transornado pela cólera em face da atitude descaridosa dos samaritanos, que negaram pousada ao extenuado "Varão de Dores," êle exclamou, secundado pelo seu irmão Tiago: "Senhor! Queres que digamos que desça o fogo do céu, como fez Elias, e consumemos assim aquela aldeia?" S. Luc. 9:54.

Contudo, como bem se vê, não sendo êle um homem dócil, túbio ou fraco, sem ser paradoxal, possuía um coração sensível, terno e afetuosos.



O amor exorbitado de Jesus para com êle foi correspondido com tôda a veemência de uma devoção extraordinária. Numa de suas cartas inspiradas registou com o seu próprio punho a razão desta afeição profunda por seu Mestre: "Nós O amamos a Êle porque Êle nos amou primeiro." I S. João 4:19.

Cresce a minha admiração por êste discípulo de Jesus quando, estudando a sua vida e feitos, diviso o brilho rútilo da humildade, exornando o diadema do seu caráter. Não que êle fôsse humilde por natureza. Ao revés. Era ambicioso; amava a vanglória; estimulado pelo orgulho sonhava com uma posição preeminente no reino de Cristo.

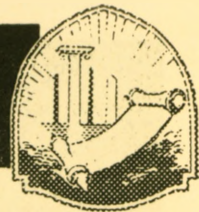
Mas a virtude da humildade tanto exaltada pelo divino Ensinador, por preceito e por exemplo, passou a ser tão estimada pelo apóstolo do amor, que êle conseguiu erradicar completamente do seu coração o orgulho e a ambição que tanto conspiravam contra o aperfeiçoamento do seu caráter.

Posteriormente, quando já transmudado pelo poder maravilhoso de Cristo, êle escreveu o evangelho que lhe traz o nome. Mas, de que maneira êle escreveu? Procurando não pôr-se em evidência.

Até mesmo na narrativa êle se oculta. A certa altura da narração, entretanto, não lhe sendo possível esconder-se, êle recorre a um feliz artifício de linguagem, dizendo: "O discípulo a quem Jesus amava." S. João 13:23.

Isto me faz lembrar de uma pequena ilustração que li alhures. Ei-la: Um velho leiloeiro, certa vez, oferecia em hasta pública um be-

(Continua na pág. 9)



## Concluindo a Obra de Deus

W. E. MURRAY

Vice-Presidente da Associação Geral



**Q**UANDO Jesus estêve na Terra, procurou revelar a humanidade o fato de que era o divino Filho de Deus. O povo achou difícil crer isto. O Salvador enfrentou muita dúvida e encontrou muitos obstáculos. Disse Ele certa ocasião: “Crede-Me que estou

no Pai, e o Pai em Mim; crede ao menos por causa das mesmas obras” (S. João 14:11). As coisas que Ele realizava, a maneira em que as realizava, quando e onde as realizava — tudo testificava em favor de Sua divindade e de Seu amor e misericórdia. No Salmo 111:2 encontram-se estas palavras: “Grandes são as obras do Senhor, consideradas por todos os que nelas se comprazem.” Ele fez Suas maravilhosas obras a fim de serem lembradas. Oxalá trabalhássemos de maneira grandiosa, e pudéssemos dizer: “Isto é um exemplo de como trabalhar!” Os obreiros de Deus fariam bem em compreender-Lhe os desejos e propósitos, pois é por nosso intermédio que em grande medida será efetuada a Sua obra.

Se lermos os últimos capítulos de *O Conflito dos Séculos*, notaremos que eles expõem por menorizadamente como a obra de Deus deve ser concluída. Verificaremos como isto deverá ser feito estudando fatos que ocorreram no passado. As experiências de seres humanos relatadas na Bíblia constituem exemplos da maneira em que Deus tem operado no passado e de como poderá operar no futuro.

Ao falarmos acêrca da terminação da obra de Deus na Terra, há um exemplo que tem sido grande inspiração para minha alma. É o caso de Zorobabel quando se esforçou por

terminar a construção do Templo, depois do cativoiro.

Estais lembrados das circunstâncias relacionadas com essa experiência. Várias pessoas haviam feito tentativas para reedificar Jerusalém. Foram lançados os alicerces, erguidos os muros, e realizara-se excelente obra, mas o trabalho não havia sido acabado. Começar é importante, manter a obra em andamento também é importante, mas concluir a tarefa é mais importante ainda. É êsse o nosso grande desafio no presente — terminar a obra que Deus nos deu para fazer. Havia numerosos obstáculos naqueles dias. Os samaritanos apareceram e estorvaram o povo. Sua influência fê-los pensar que não era chegado o tempo para concluir a obra do Senhor; era tempo de estabelecerem suas próprias moradas, para poderem habitar nelas. Em outras palavras, diziam êles: “Primeiro nossa casa, depois a casa de Deus.” Mas não é assim que o Senhor desejava que trabalhassem. Ordenou portanto que Ageu, o profeta, dissesse ao povo: “Considerai o vosso passado.” Lemos então: “O Senhor despertou o espírito de Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e o espírito de Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e o espírito do resto de todo o povo; êles vieram e se puseram ao trabalho na casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus” (Ageu 1:14). Deus usou o remanescente para acabar a obra do Templo.

Pretendemos ser a igreja remanescente. No décimo segundo capítulo do livro de Apocalipse é mencionado que Satanás foi pelear contra o remanescente. No mundo invisível Deus opera com hostes inumeráveis, mas no mundo visível Ele usa apenas algumas. Quando desejava formar a nação judaica, Ele chamou a Abraão e disse: “Olha para as estrêlas. Usarte-ei para formar uma grande nação.” Pensai nas vagueações dêsse homem e de seu povo;



construindo um altar aqui e ali, aparentemente um povo sem objetivo, mas Deus os estava usando para realizar importante obra. Assim sucedeu no tempo de Zorobabel. Considerável número de pessoas ficaram para trás em Babilônia. Não tinham interesse em reconstruir o Templo, mas Deus suscitou alguns dentre eles, enviando-os para reedificar a cidade e o Templo. Zorobabel era o dirigente do grupo, e eles finalmente completaram a obra. Cobremos ânimo, irmãos! A obra do Senhor será terminada por um remanescente!

Quando Deus queria que o Templo fosse reconstruído, disse Ele: "Sê forte, Zorobabel . . . , e sê forte, Josué . . . , e tu, todo o povo da Terra, sê forte." Como é maravilhoso podermos receber forças de Deus! Creio que ao dizer que devemos ser fortes, Ele indica que podemos ser fortes se obedecemos a Ele e seguimos Seu plano. Quando Deus ordena algo, Ele capacita a pessoa para isso. Diz-se-nos: "Colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente. Tudo que deve ser feito a Seu mando pode ser cumprido por Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras." — *Parábolas de Jesus*, pág. 333.

A obra de Deus precisa de vós, meus irmãos, mas vós necessitais mil vezes mais de estar na obra de Deus. A todos os que se tornam participantes de Sua graça, o Senhor designa uma obra em favor de outros. Muito se pode realizar quando todos trabalham juntos. Que Deus nos ajude, como dirigentes, a transmitir ao nosso povo a mensagem de que todos devem tomar parte na terminação da obra!

A obra do movimento adventista do sétimo dia é evangelizar. Quando o Senhor enviou os Seus discípulos para realizar esta obra, disse-lhes: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." Muitos viveram entre perigos, muitos sofreram infínitos sacrifícios, mas foram amparados pela promessa: "Estou convosco." Hoje devemos ter uma nova compreensão do valor dessa admirável declaração.

A obra de Deus será terminada em meio a oposição. Houve oposição no tempo de Zorobabel, e haverá oposição ainda maior em nosso tempo.

O povo pode escarnecer e ridicularizar. Foi o que fizeram quando os fiéis procuraram edificar o Templo, mas Deus os ajudou a transpor esse obstáculo, e concluíram a obra. Queira o Senhor ajudar-nos a ser leais em tempos de perseguição e angústia! Os que são fiéis a Deus serão ameaçados, denunciados e proscritos. Sua única esperança estará na misericórdia divina. Sua única defesa será a oração. Ao nos defrontarmos com a possibilidade da perseguição, ao nos defrontarmos mesmo com a possibilidade

de divisão em nossas próprias famílias, em nossa igreja, queira o Deus que esteve com Zorobabel estar também conosco ao concluirmos Sua obra.

Quando isto fôr feito, e Jesus vier, a História será um livro aberto, e os mistérios do passado serão elucidados. Dedicamo-nos pois inteiramente à terminação da obra de Deus, apressando assim o maior de todos os eventos — a vinda de Jesus Cristo.

---

## Relação Entre as Setenta . . .

(Continuação da pág. 24)

setenta semanas foi dividido em sete semanas, sessenta e duas semanas, e uma semana. Ainda outros empregos desta palavra podem ser vistos no *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, de Brown, Driver e Briggs, pág. 367; comparar com o *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, de Koehler e Baumgartner, Vol. 1, pág. 343, onde é citada a palavra *schneiden* ("cortar") e *entscheiden* ("decidir").

Estas três significações — "cortar," "decidir" e "determinar" — aparecem nas antigas traduções do Velho Testamento para o grego. A Versão dos Setenta, traduzida em Alexandria, provavelmente no segundo século antes de Cristo, emprega *ekrithesan*, isto é, "ordenadas," "determinadas," para verter *chathak* em Daniel 9: 24. Por outro lado, a tradução grega feita por Teodócio, no segundo século de nossa era (publicada geralmente nas edições modernas da Versão dos Setenta) verte *chathak* por *sunetmethesan* ("separar," "encurtar"). (Ver também o *Greek-English Lexicon*, de Liddell e Scott, Vol. 2, pág. 1726.) A Vulgata usa o verbo *abbreviare* ("abreviar"). Hitzig a traduz por "designadas," outros, por "destinadas," ou "concedidas."

A *Revised Version* e a *American Standard Revised Version* trazem "decretadas," e o *Preacher's Homiletical Commentary*, bem como Strong em sua *Exhaustive Concordance*, salientam o significado caldaico de "separar," ou "cortar em pedaços."

As várias acepções desta palavra hebraica têm real importância. O período das setenta semanas foi definidamente "destinado" ou "concedido" para o povo judeu, sendo que nesse período deviam ser realizadas algumas coisas específicas. E no plano de Deus o referido período foi "decretado" ou "determinado" para este propósito. Mas a palavra *chathak* também tem o significado de "separar," como é indicado em tantas autoridades lexicais. A expressão "separadas" é significativa, pois o que é separado

(Continua na pág. 11)

# O Fundamento da Fé Adventista

EDUARDO HEPPENSTALL

Professor de Teologia e Filosofia Cristã na Andrews University



**A** CONFIRMAÇÃO de homens e mulheres em toda parte na "fé que uma vez foi dada aos santos" talvez seja o principal objetivo do ministério evangélico. Semelhante realização espiritual soluciona infindo número de dificuldades que são motivadas pela dúvida. Ela enfrenta a

tentação proveniente de ensinios sutis e semi-verdades inventadas pelo inimigo cujo nome é legião. Alguma autoridade suprema deve esclarecer o significado da vida para os homens. Certamente ela não será encontrada dentro da mortal e pecadora natureza do homem. Para os adventistas do sétimo dia essa autoridade é a Bíblia, que pelo poder do Espírito Santo se torna a voz de Deus para os que crêem.

Os cem anos passados testemunharam errôneos e corruptos empregos e interpretações da Palavra do Senhor, especialmente no século vinte. Os postulados modernistas e liberais têm negado a singularidade da revelação de Deus no nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo, e no relato bíblico. A ênfase deles tem sido dada a um Deus imanente, a um Deus dentro da Natureza e dos processos naturais. Uma posição assim é puramente naturalística, não sobrenaturalística.

A tragédia de duas guerras mundiais numa única geração e a enormidade do pecado nos dias atuais demonstraram grandemente a ruína espiritual do modernismo e liberalismo. Dá-se agora um retorno ao sobrenaturalismo. Isto ocorre no moderno movimento de neo-ortodoxia e neo-sobrenaturalismo, dirigido por pessoas como Karl Barth, Emil Brunner, Reinhold Niebuhr, Gustavo Aulén, e também no existencialismo de Sören Kierkegaard e Paulo Tillich.

O modernismo e o liberalismo tornaram a Deus uma parte dos processos naturais. O neo-sobrenaturalismo é uma revolta contra o naturalismo. Ele é temível para a condição do cristianismo num mundo naturalístico. Ao passo que para o modernismo e o liberalismo Deus seja imanente dentro da Natureza e no homem, para o neo-sobrenaturalismo Ele é absolutamen-

te transcendente. Não existe aspecto ou forma da Natureza, nem alcance da razão humana, nem exposição em termos humanos, que possam ser identificados com a revelação de Deus. Afirmam eles portanto que qualquer dependência para com a razão, quer seja santificada ou não, é completamente inadequada para entender a realidade de Deus, Sua revelação e Sua Palavra. Deus Se torna conhecido diretamente ao indivíduo num "encontro divino-humano" distinguido unicamente pela fé.

Como podemos conhecer a vontade divina? Para o neo-sobrenaturalista o teor da revelação de Deus não é algo que se encontre num livro. A verdade é comunicada numa revelação direta de Deus para o indivíduo. O ponto de vista da Reforma, no tocante a que a revelação foi dada historicamente em Cristo quando esteve na Terra, e nas Escrituras, é rejeitado. Que sucede então com a Bíblia? Ela constitui um testemunho dessa revelação, dizem eles. É um registo histórico de semelhante revelação às pessoas. Mas em si mesma ela não é a revelação de Deus. A mente humana com suas faculdades de raciocínio e pensamento lógico não é capaz de compreender a verdade. Os homens somente podem conhecer a verdade quando Deus Se revelar a Si mesmo no momento culminante de um encontro pessoal. A quem então Se revela Deus, e como sabem os homens que eles passaram por essa experiência? Isso compete a Deus, diz o neo-sobrenaturalista. Com certeza Ele não Se revela por meio da Bíblia.

Como testemunha, a Bíblia expõe o relato de homens e mulheres que experimentaram esse "encontro divino-humano." Mas, de acordo com o ponto de vista neo-sobrenatural, ela contém erros de natureza científica e histórica, não podendo portanto ser aceita no plano da razão. Deus Se revela a Si mesmo, mas não a verdade acerca de Si mesmo. Deus revela Sua presença como uma experiência subjetiva, mas não como verdade objetiva.

A ênfase sobre uma relação interior, pessoal e vital com Deus é, sem dúvida alguma, a coisa mais essencial a respeito do cristianismo. Encarada em seu valor nominal, a posição neo-sobrenatural parece muito atraente. Em especial isto é verdade onde tenha havido demasia-

da ênfase sôbre ortodoxia teórica em contraste com experiência espiritual, doutrina formal e conceitos teóricos em contraste com religião experimental.

Os adventistas do sétimo dia são os primeiros a reconhecer a grave debilidade de excessiva ênfase sôbre verdade teórica. Em muitas partes dos escritos de Ellen G. White somos advertidos contra uma religião teórica e formal, e contra a devoção à doutrina em vez de à verdade como ela é em Jesus Cristo. Mas um extremo é tão prejudicial como o outro. Na tentativa de escapar da formalidade e teoria, a posição oposta pode aparentar possuir certo grau de atração que faz o neo-sobrenaturalismo parecer aceitável.

A realidade é que o neo-sobrenaturalismo se aproxima mais do limite da verdade do que já sucedeu com o modernismo ou o liberalismo. Isto, porém, o torna ainda mais sutil e perigoso. O neo-sobrenaturalismo tem usado mui habilmente um dos supremos conceitos bíblicos, na frase "o encontro divino-humano." À parte disto êle tem rejeitado a Palavra de Deus em forma escrita. Seus defensores dizem uma coisa em terminologia bíblica, mas pretendem outra.

A essa altura, lembremo-nos do conselho dado no *O Conflito dos Séculos*, pág. 643:

"Tão meticulosamente a contrafação se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das *Escrituras Sagradas*. Pelo testemunho destas tôda declaração e todo prodígio deverá ser provado." (Grifo nosso.)

A posição dos adventistas do sétimo dia foi bem formulada no capítulo "Nossa Única Salvação," do mesmo livro.

O parecer neo-sobrenaturalista compromete tôda a estrutura redentora da fé cristã. Historicamente êle não exige efetiva ação redentora na encarnação, morte e ressurreição de Cristo. Contudo, tôda a asserção bíblica se baseia na pecaminosidade do homem em resultado da histórica queda de Adão, e na redenção através da expiação oferecida uma vez por tôdas sôbre a cruz de Jesus Cristo. Se a queda do homem, a encarnação, morte e ressurreição de Cristo não são eventos históricos essenciais para o cristianismo, então a fé em Cristo e em Deus não é absolutamente fé na revelação divina das Escrituras, mas sim em algum conceito místico que não pode ser provado por qualquer revelação objetiva. Êle é conhecido apenas por uma experiência subjetiva. Quem dirá então o que é a verdade? O "encontro divino-humano" pode ser experimentado em qualquer plano intelectual. Qualquer pessoa, não importando se está ou não em harmonia com as Escrituras, pode afirmar ser crente. Até que ponto poderá

então alguém acreditar no êrro e continuar nêle, e ser ainda considerado "cristão"? Semelhante encontro pessoal é por conseguinte possível em qualquer religião ou seita. Qual deve ser a prova da verdade? "A experiência," dizem êles. Mas que deve provar a experiência? Não há nesse conceito qualquer prova objetiva de verdade.

### A Posição dos Adventistas do Sétimo Dia

Para os adventistas do sétimo dia a verdade e a revelação de Deus em Sua Palavra não dependem de qualquer experiência humana quanto a sua validez e autenticidade. Independentemente de se os homens crêem ou não nelas, as Escrituras Sagradas continuam sendo a incontestável verdade de Deus. O homem necessita em si mesmo duma revelação objetiva como as Escrituras, devido à obscuridade de sua mente. Êle é inteiramente incapaz de experimentar a verdade à parte dessa revelação.

Os adventistas do sétimo dia sustentam que a revelação de Deus é mediada por Cristo, pelos profetas e apóstolos, e não por tôda pessoa, num encontro "divino-humano." Afirmam também que a presença de Deus não é dirigida a nós na mesma maneira em que se manifestou aos profetas e apóstolos. Deus tem falado por meio de Seus instrumentos especialmente designados, duma maneira em que não tem falado a nós. Essa Palavra revelada se torna autorizada para nós que cremos. Não inventamos ou produzimos nossa própria Palavra. É a Palavra de Deus que importa, não a nossa. E todo "encontro divino-humano" que possamos experimentar dá-se através da revelada Palavra de Deus. Advém-nos ao estudar, orar e crer na Palavra. Como tal, a revelação de Deus em Sua Palavra não transcende à razão. Ela apela à razão bem fundada, à razão santificada, à razão que é dirigida pelas Escrituras Sagradas. Coerente e racional compreensão do Deus revelado na Bíblia constitui a base duma sólida experiência cristã. Além disso, Deus não sômente revela a Si mesmo, mas também a cabal doutrina que é recomendada bíblicamente a todos os crentes. A fé salvadora sempre é fé em Cristo e na palavra escrita da Bíblia. Foi essa Palavra que Cristo usou tão eficazmente para vencer as tentações de Satanás (S. Mateus 4:1-11). Foi essa Palavra que Paulo recomendou insistentemente que seus ministros e obreiros auxiliares ensinassem e pregassem (I Tim. 1:3; 4:16; 6:3-5; II Tim. 1:13; 2:15 e 16; 3:15-17; 4:1-4).

Foi esta mesma Palavra que Wiclef, Lutero, Zuínglio e Calvino usaram tão poderosa e eficientemente por meio de Cristo para efetuar a Reforma e a libertação do domínio papal, e para dissipar as trevas do êrro.



“Wiclef aceitava as Sagradas Escrituras com implícita fé, como a inspirada revelação da vontade de Deus, como suficiente regra de fé e prática. . . . Declarou ser a única verdadeira autoridade a voz de Deus falando por Sua Palavra. E não somente ensinava que a Bíblia é a perfeita revelação da vontade de Deus, mas que o Espírito Santo é o seu único intérprete.” — *O Conflito dos Séculos*, (Nova Ed. Revista), pág. 99.

Lutero “declarava firmemente que os cristãos não deveriam receber outras doutrinas senão as que se apóiam na autoridade das Sagradas Escrituras.” — *Idem*, pág. 133.

“Ele [Zuínglio] se submeteu à Bíblia como a Palavra de Deus, única regra suficiente, infalível. Viu que ela deveria ser seu próprio intérprete. Não ousou tentar a explicação das Escrituras a fim de sustentar uma teoria ou doutrina preconcebida, mas mantinha como seu dever aprender o que constituem seus ensinamentos diretos e óbvios.” — *Idem*, pág. 181.

É esta mesma Palavra que é necessária para cada professor, pregador e crente cristão hoje em dia.

“Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas.” — *Idem*, pág. 645.

“O primeiro e mais elevado dever de todo ser racional é aprender das Escrituras o que é a verdade, e então andar na luz, animando outros a lhe seguirem o exemplo.” — *Idem*, pág. 648.

#### **Tanto a Revelação Como a Experiência São Necessárias**

Precisamos fazer distinção entre a revelação objetiva das Escrituras e a reação pessoal do indivíduo diante dessa revelação. Ambas são necessárias para que o poder de Deus seja comunicado ao homem. Nada é mais claro na Bíblia do que o fato de que em confronto com o homem permanece a objetiva revelação de Deus na Palavra escrita e falada, que se apresenta com um “Assim diz o Senhor.” Por meio dos profetas e apóstolos essa Palavra muitas vezes foi dirigida a reis e pessoas perversas, os quais, embora a ouvissem como a mensagem de Deus, deixaram de corresponder-lhe por meio de uma vida de obediência.

Deus comunica tanto a vida como a doutrina. Antes de Sua morte e ressurreição, Cristo prometeu a Seus seguidores a presença do Espírito Santo. Declarou que o Espírito os guiaria em toda a verdade. Essa verdade incluía toda a forma escrita da Palavra de Deus. Não sabemos o que o neo-sobrenaturalismo faria com o grande fato de que Deus realmente escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra. Essa

estupenda revelação é algo inteiramente diferente do “encontro divino-humano.” Conquanto os Dez Mandamentos possuam a profundidade espiritual que é revelada no Sermão da Montanha, constituem autênticas asserções, declarações verbais e revelação objetiva diferentes de qualquer resposta ou experiência do homem.

A lei de Deus se torna o focal ponto de prova. Que queria Cristo dizer ao afirmar: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (S. João 14:15)? Essa lei representa o padrão objetivo e independente da verdade, sem consideração ao que os homens e mulheres experimentam em sua própria vida. Mas o ponto de vista neo-sobrenatural não se origina absolutamente na Bíblia. Desenvolveu-se completamente por si mesmo. Jesus, Paulo e os outros apóstolos expuseram idéias claras a respeito da verdade doutrinária, das grandes doutrinas da redenção, da ressurreição, do santuário e do evangelho eterno. E insurgir-se contra essa verdade revelada ou rejeitá-la é contrário tanto à lei como ao evangelho. “À lei e ao testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.” Isa. 8:20.

A conclusão a que chegam os adventistas do sétimo dia é esta: A experiência cristã do “encontro divino-humano” não é uma alternativa para a verdade e doutrina conceptual segundo é revelada na Bíblia. Elas se completam e não se excluem mutuamente. O problema que todos nós enfrentamos é ter tal confiança na Palavra revelada de Deus, que seja acompanhada pela obediência a todos os requisitos divinos. Os adventistas do sétimo dia não podem rejeitar qualquer parte das Escrituras Sagradas. Cremos que as exposições da verdade na Bíblia são plenamente fidedignas. E a genuína experiência cristã de maneira alguma deprecia semelhante revelação, nem ocorre independentemente da Palavra de Deus.

Os neo-sobrenaturalistas querem induzir-nos a crer que não podemos abrigar a ambas, e que aí há duas espécies de conhecimento — um desnecessário e indesejável, o outro a única verdade real. Mas essa dicotomia é inventada pelo homem. A Bíblia desconhece esses dois setores opostos de conhecimento. Em toda a parte as Escrituras Sagradas exigem plena reação ao conhecimento verbal. Não há exclusão de doutrina, ou da lei de Deus, na verdade escrita. Com efeito, a Bíblia condena os homens e mulheres que não põem a vida em harmonia com a revelada Palavra de Deus. Mas em parte alguma é aí repudiada qualquer verdade objetiva, pois não pode haver verdadeira compreensão de Deus, ou harmonia com Ele, sem que haja harmonia com a Palavra Escrita.

Os adventistas do sétimo dia insistem que Deus nos falou em palavras e pensamentos de linguagem humana, que podem ser compreendidos



didos por todos os que lêem o Livro Sagrado. Se a Palavra Escrita deixar de ser considerada essencial para uma vital experiência cristã, então a doutrina perderá a importância. E se a doutrina não fôr importante, não pode haver provas ou exigências específicas com que medir a conduta. O que Deus disse e escreveu é absolutamente essencial. Um encontro místico pode significar muito ou nada. Rejeitar ou negar que as Escrituras constituem a Palavra de Deus, é negar realmente que Deus tenha falado de alguma maneira.

Além disso, a razão e a mente dos homens são ainda uma parte da original imagem de Deus, embora incapazes por si mesmas de alcançar a verdade. Não há outra maneira em que a verdade pudesse ser comunicada inicialmente ao homem, senão através da mente. A Palavra de Deus que não fôr compreendida e aceita primeiro pela razão, não é verdade de modo algum.

Os adventistas do sétimo dia estabelecem duas questões vitais: Primeira: possuem as igrejas e os professos cristãos correta e sólida teologia e doutrina baseadas na forma escrita da Palavra de Deus? Segundo: possui o crente uma experiência salvadora no que e por meio do que êle crê? Um dos mais importantes deveres do ministério adventista é conduzir as pessoas, me-

diante clara exposição doutrinária, a uma experiência que seja vital, valiosa, relevante e praticável.

Ao se procurar ser erudito, sempre existe o perigo de desmerecer o cristianismo na vida. As doutrinas podem tornar-se apenas descrições verbais de realidades divinas. Pregamos e ensinamos nossas doutrinas e a Palavra com divina autoridade e poder para transformar vidas? Não supomos sequer por um momento que pequena quantidade de razão e lógica sejam suficientes quando aplicadas à Palavra Escrita. Ninguém começa a praticar as verdades da Bíblia unicamente em bases intelectuais. Colocar-se ao lado da Palavra de Deus significa conhecer e acreditar que ela está estabelecida para sempre em verdade e justiça; que através de suas promessas e revelação da gloriosa atividade de Deus em favor do homem, podemos encontrar forças para viver em harmonia com essa Palavra Escrita.

O grande embuste do mal é tornar cada vez mais difícil saber o que é a verdade. Os adventistas do sétimo dia devem manter a sua posição. Não deve haver abandono da verdade de Deus revelada nas Escrituras Sagradas. Nossa obra é conseguir que homens e mulheres em toda a parte correspondam cabalmente à verdade bíblica.

---

## Por que Amo a João

(Continuação da pág. 3)

*lo quadro, obra de arte, produção valiosa de um dos festejados mestres da pintura clássica. O leiloeiro, entretantes, para que todos os licitadores pudessem ver os encantos policrômicos daquela tela, suspendeu-a, e escondido atrás da beleza do quadro recebia as sucessivas ofertas dadas pelos interessados em arrematar a tela em espécie.*

*Assim, exatamente assim, fez o apóstolo João. Com a sua pena inspirada procurou, em cores fascinantes, apresentar a singular beleza de Cristo, mas — que admirável humildade! — procurou esconder-se sempre por trás da tela que, tão magistralmente, nos apresenta a formosa harmoniosa de Cristo e de Seus luminosos ensinamentos.*

*Amo ainda a João pela sua indiscutível, porque comprovada, lealdade a Jesus nos instantes tormentosos da provação. Indubitavelmente, é no fragor das procelas que se provam os amigos. Com efeito, quando se desencadeou sobre o Nazareno toda a fúria perseguidora dos poderes confederados do mal, João, o leal discípulo, desassombadamente permaneceu ao lado do*

*bem amado Mestre, até o Seu oprobrioso e sangrento martírio.*

*Todos os outros discípulos, temerosos por suas vidas, espavoridos, fugiram. Até mesmo o voluntarioso Pedro que havia protestado lealdade incondicional, revelando inqualificável tibieza, procurou dissimular suas relações com Jesus.*

*João, entretanto, não abandonou, mesmo na hora incerta da angústia, Aquêle que, ternamente, o chamara para a sagrada obra do apostolado.*

*Na sala de audiência, quando Jesus estava sendo acareado pelo rancoroso julgador, entre os curiosos circunstantes estava também, vivendo um instante de insopitável emoção, o leal e caridoso discípulo, acompanhando os momentosos sucessos que resultaram na condenação do Salvador do mundo.*

*Ao pé da cruz, quando na agonia de um sacrifício inominável, com os olhos anuviados pela dor, Jesus lobrigou em pranto Sua virtuosa mãe, algumas piedosas mulheres, e entre elas, com o coração esmagado pela tristeza, o apóstolo do amor.*

*Eis os motivos por que eu amo a João, o dedicado discípulo, o iluminado profeta — destacado membro do sacro Colégio Apostólico.*

# A "Justiça Pela Fé" Incentivou a Associação Ministerial - III

LEROY EDWIN FROOM

Professor Emérito de Teologia Histórica, na Andrews  
University

O PRIMEIRO número do *The Ministry*, em sua introdução: "Nossa Apologia e Nossa Autorização," refere-se aos "boletins mimeografados usados até agora," denominando-os de "degrau necessário para esta medida ideal." E a página detrás menciona o "Estabelecimento e a Carta Constitucional da Comissão Ministerial." Em seguida são registadas as resoluções do Concílio Outonal de 1927, autorizando a publicação do *The Ministry* como "revista especial dos obreiros evangélicos." Os planos estavam agora em plena atividade.

## Em 1935 — Ainda a Suprema Preocupação do Pastor Daniells

Virando as páginas do tempo, chegamos agora à primavera de 1935, quando tive o privilégio de estar com o Pastor Daniells durante as últimas sete semanas de sua vida. Doris Robinson e eu fomos chamados apressadamente para Los Angeles, por solicitação urgente do Pastor Daniells, para ajudá-lo a terminar seu livro *The Abiding Gift of Prophecy* (O Permanente Dom de Profecia). Foi uma corrida contra o tempo, pois êle fôra acometido por uma doença fatal.

Longas horas para nós, sem descanso, eram a ordem do dia e da noite. Mas o livro foi terminado. E a introdução, que o Pastor Daniells solicitou que eu escrevesse, foi datada: "Los Angeles, Califórnia, 24 de fevereiro de 1935" — aproximadamente um mês antes de sua morte. As últimas semanas foram dedicadas às revisões finais.

Apesar do esforço excessivo, êste período proporcionou-me inestimável privilégio. Não somente pude auxiliar meu estimado amigo, orientador e ex-chefe a concluir sua acalentada tarefa, mas tive a derradeira oportunidade de conversar muitas e muitas vezes com êle sobre os relevantes assuntos, objetivos e perspectivas que sempre estiveram em seu coração — a justiça pela fé, o Espírito Santo, o alto clamor, a chuva serôdia, a mensagem de Laodicéia, reavivamento e reforma, e a conclusão da obra de Deus sob o poder do Espírito Santo. Frequentemente palestrávamos também sobre a Assembléia de Mineápolis. A constrangedora ur-

gência destes notáveis princípios e providências parecia avolumar-se em sua mente, ao aproximar-se êle do fim. Partilhou êsses encargos comigo, como seu filho no ministério. Reiteradas vezes manifestou a esperança de que eu, no devido tempo, completasse uma ampla exposição da maravilhosa maneira como Deus nos guiará passo a passo, e do glorioso triunfo assegurado, segundo o esquema divino.

## Firme Esperança de que Outros Apanhassem a Visão

Jamais vacilou êle quanto a sua grande esperança e expectativa. Conquanto tivesse de depor sua responsabilidade, estava ansioso de que outros se apossassem do estandarte e erguessem a tocha — cada vez mais alto. "Para a frente," era a sua divisa. Novas mãos e corações precisavam levar a obra avante. Embora não lhe fôsse dado viver até o auspicioso dia da consumação do fim desejado, outros teriam êsse ensejo. Firmou sua esperança nos homens que se inteirariam da gloriosa visão e corresponderiam ao seu apêlo. Tinha uma incumbência e uma derradeira mensagem para êles.

Com esta finalidade, entregou-me o acervo de compilações em folhas soltas, que para êle eram as mais valiosas citações que já encontrara, e alguns de seus livros — contendo vários dêles até o autógrafo de Ellen G. White. Legou-me também um grande maço de seus esboços de sermões. Êstes revelam a preocupação de sua vida, como talvez nenhuma outra coisa o poderia fazer, e mostram no que se baseava seu mais profundo interêsse, até o fim. Além disso, confiou-me uma inestimável coleção de testemunhos especiais dirigidos a êle e a outros, que mantivera sob sua custódia. Êstes também lhe haviam prestado adicional incentivo, delineando a ênfase especial que devia caracterizar o clímax de nossa mensagem.

## Sua Derradeira Exortação ao Ministério Adventista

A última preocupação do Pastor Daniells consistiu em formular uma "Exortação de Despedida Para o Ministério Adventista." Esboçou-a



para mim, e pediu que eu lhe desse forma coerente e fraseado apropriado. Isto foi feito, sendo relido perante êle no dia anterior a sua morte. Embora suas forças físicas declinassem rapidamente, sua mente ainda se mantinha lúcida. Acompanhou atentamente cada palavra, anuindo amiúde com a cabeça ou expressando aprovação. É evidente que o documento condizia com sua vontade.

Ao chegarmos à frase final, que terminava com um "Amém," êle uniu-se comigo em proferir esta palavra, mas acrescentou um ardoroso e segundo "Amém!" O "Amém" suplementar foi acrescentado nesse próprio instante.

Jamais me esquecerei da solenidade desse momento, pois aquelas foram as últimas palavras que êle proferiu para mim. Logo caiu em estado de coma, não se restabelecendo mais. Firme até o fim, faleceu na fé pela qual vivera.

### Um Testemunho, um Desafio e um Apêlo

Nesta solene exortação de despedida — apresentada em público primeiramente em seu funeral, no dia 22 de março, e depois no *The Ministry* de maio de 1935 — o Pastor Daniells admoestou todo o ministério do movimento — os mais idosos, os que se encontravam no vigor dos anos, e especialmente os jovens — a que "correspondessem às expectativas divinas." Proferiu então um apêlo e lançou um desafio. Eis o fraseado empregado por êle:

"Grandes provas se aproximam, e se aproximam depressa. Deus conta convosco para serdes fiéis e leais a cada princípio da justiça. São necessários intensos progressos espirituais na igreja, e é a vós que compete efetuá-los.

"O Senhor solicita um reavivamento e uma reforma espiritual em nossas fileiras, e isto deve ocorrer mediante um ministério verdadeiramente espiritual."

"Vários anos atrás, Deus conferiu-me a incumbência de incentivar êste avanço espiritual. Modificou-me a própria vida e visão. E muitos testificam acêrca do que Deus fez por êles pessoalmente, ao responderem ao Seu convite.

"E agora foi pregado meu último sermão. Minha obra pública está terminada. O curso de minha existência chegou ao fim. Dêste modo faço agora meu último apêlo ao ministério dêste movimento, em que tenho sido ministro e companheiro durante mais de cinqüenta anos."

Acrescentou então com muita seriedade:

"Insto solenemente convosco a que assumais esta responsabilidade, e completeis a obra. Deus o espera de vós. A prosperidade da igreja depende disto, e pertence-vos a tarefa de introduzir esta experiência mais elevada na vida da igreja. Êste é o grande fardo do meu coração. Transmito-o agora para vós. Desejo admoestardos a que reflitais sôbre a maneira como vos relacionareis com isso."

Conquanto seu coração deixasse de bater, e os lábios se mantivessem silenciosos agora, êle continuaria a falar aos seus companheiros de ministério, através de seu precioso livro *Christ Our Righteousness* (Cristo Nossa Justiça) e sua última exortação. Seu sôpro avivou a chama das brasas latentes da mensagem da justiça pela fé. Foi o instrumento escolhido que delineou o escopo da Associação Ministerial — a justiça pela fé. Não devemos desapontá-lo, nem ao nosso Deus, em suas expectativas. Certamente chegou a hora para êsse derradeiro avanço.

## Relação Entre as Setenta . . .

(Continuação da pág. 5)

são as "setenta semanas." Estas, naturalmente, são tempo; portanto é tempo que é "separado de um todo." Assim como um pedaço de material é separado ou cortado de um rôlo de material, não se poderia dizer apropriadamente que o período das setenta semanas é cortado [ou subtraído] de um período de tempo mais longo?

Êste conceito, neste caso particular, é admitido por certas autoridades bíblicas. Barnes, comentando o verso 24, declara: "O significado parece ser que esta porção de tempo — as setenta semanas — foi *separada* [grifo seu] da totalidade da duração, ou cortada dêle, por assim dizer, e designada por si mesma para um propósito definido." Além disso, o *Pulpit Commentary*, sôbre êsse verso, concorda com êste pensamento, pois observa: "Significa 'separar.' Pode portanto referir-se a estas semanas como sendo 'separadas' do tempo em geral; consequentemente 'determinadas'."

Diante dêste reconhecimento do significado do uso da palavra "separadas," bem podemos perguntar: É o período das setenta semanas "separado" do tempo em geral ou num *sentido específico*? Devemos lembrar-nos de que na visão simbólica de Daniel 8, se fêz referência ao período dos 2.300 dias. Isto ficou sem ser explicado. Se Daniel 9 é a explicação desta parte da visão — que não foi explicada — a explanação teria inevitavelmente de tratar com o tempo. Mas o único tempo profético mencionado na visão de Daniel 9 são as setenta semanas. Não podemos concluir logicamente, portanto, que quando Gabriel trata das setenta semanas, ou 490 anos, êle esteja explicando a primeira parte da profecia dos 2.300 dias? Êste período (490 anos) foi destinado aos judeus com seu santuário na Terra; o restante do período (2.300 anos) atingiria então a época da igreja cristã, com o santuário no Céu. — *Questions on Doctrine*, págs. 268-275.



## Cadeiras ou Verdade?



G. CUPERTINO

Diretor da Associação Ministerial da Divisão Sul-Européia

### Que Estais Procurando?

**Q**UANDO está para ser tomada uma decisão em questões fundamentais, existe a tendência humana de dar primordial consideração a fatores secundários. O resultado é que a consideração secundária toma o lugar da mais essencial, e amiúde, perda eterna é a consequência final. Os homens não são levados a indagar: Qual é meu dever? Que Deus pede que eu faça? mas: Que pensarão de mim os meus amigos ou vizinhos?

O pregador de experiência está acostumado com as ciladas armadas pelo inimigo, e acha-se preparado para enfrentar a maioria das situações. Mas o pregador jovem e inexperiente aflige-se às vezes quando descobre a fraqueza humana de pôr o homem em primeiro lugar e Deus em último. Somente profunda e pessoal convicção das realidades divinas poderá ampará-lo. Somente olhando para Aquêle que é invisível poderá êle permanecer firme e ser capaz de proferir as palavras certas no momento apropriado. Jesus assegurou aos Seus discípulos que o Espírito Santo lhes traria à memória aquilo que deveriam dizer em tempo de necessidade. A fim de animar especialmente os nossos obreiros mais novos, mencionarei uma experiência pessoal, mostrando como Deus está perto dos inexperientes para ajudá-los em suas dificuldades.

Anos atrás, ao ingressar no ministério, fui enviado para Torino, na Itália. Era uma cidade de 600.000 habitantes, nesse tempo. Não havia igreja adventista ali, mas apenas dois mem-

bro batizados. Esforçando-me por estabelecer contatos, realizei algum trabalho de casa em casa. Possuía bem poucos endereços, mas apesar disso procurei descobrir pessoas que tivessem interesse em receber estudos bíblicos. Como não tivéssemos um edifício próprio ou um salão alugado, a comissão alugara um apartamento, em que fui convidado a ocupar um quarto. Outro quarto com apenas catorze cadeiras serviu de local de reuniões para as poucas pessoas interessadas que compareciam uma vez por semana.

Quando o presidente da Associação me visitou pela primeira vez, disse êle: "Você é feliz." Abrindo então a Bíblia, leu II Reis 4:10: "Façamos-lhe, pois, em cima, um pequeno quarto, . . . e ponhamos-lhe nêle uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; quando êle vier à nossa casa retirar-se-á para ali." Por curioso que pareça, naquele quarto em que eu morava havia exatamente uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada elétrica! Esta experiência, quando a dureza da tarefa me obrigava a confiar unicamente nAquele que me podia compreender e auxiliar, encontra-se entre as mais brilhantes recordações que conservo do passado. Menciono-a a fim de auxiliar algum obreiro jovem que talvez esteja em situação idêntica.

Entre as famílias que visitei, uma começara a receber estudos bíblicos, embora ainda frequentasse outra igreja protestante com aproximadamente duzentos membros, que se reunia num grande templo. À medida que os estudos da Bíblia prosseguiram, a senhora da casa — pessoa abastada e de aristocrática família rus-



sa — após cuidadosa exposição, em que a Bíblia fôra apresentada como única fonte de verdade, afirmou: “Senhor, estou impressionada com o método seguido pelos adventistas. Depois de cada pergunta o senhor abre a Bíblia, vindo então a resposta: ‘Assim diz o Senhor.’ E se eu tivesse de dizer neste momento qual a igreja que baseia sua mensagem na Bíblia, declararia sem hesitação que é a Igreja Adventista do Sétimo Dia, e quase me sinto inclinada a afirmar que gostaria de unir-me a sua igreja. Mas —————” Evidentemente embarçada, ela interrompeu a frase.

### **Apenas 20 Cadeiras!**

Após demorada pausa, ali estava eu com esta pequena palavra “mas” suspensa no ar, como intransponível ponte em nossa conversação. Então, em resposta à minha oração silenciosa, fui impressionado a perguntar: “Queira revelar-nos com franqueza a dificuldade que encontra para unir-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia.” Esperei tão ansiosamente pela resposta, como o teria feito qualquer pregador novato. Eis o que ela respondeu: “Sabe, Sr. Cupertino, uma amiga minha está informada a respeito dos senhores, e disse-me que como local de reuniões nesta cidade os senhores possuem apenas um quarto com *umas vinte cadeiras*.” Parecia estar bem pesarosa ao proferir estas palavras, e deteve-se exatamente nesse ponto, deixando que eu tirasse a conclusão natural. Como se pode ter confiança num movimento representado por apenas vinte cadeiras?

Então algo se deu! Como um lampejo a resposta brotou em minha memória, não como fruto de sabedoria, mas como revelação de cima. Era o auxílio prestado por um anjo a um jovem obreiro em situação angustiada. Repliquei com calma: “Sim, a senhora está *quase* certa. Nesta cidade temos apenas um aposento para nossas reuniões, mas acho que sua informação sobre nossas cadeiras não é bem exata. Se é que contei corretamente, temos tão-somente um total de catorze cadeiras! Mas, como a senhora compreende, o que importa não é o número de cadeiras, e, sim, a verdade que a senhora parece estar-se esforçando por achar! A momentosa questão que tem de resolver antes de todas as outras, é a seguinte: *Que a senhora está procurando? Cadeiras ou verdade?* Se estiver apenas procurando maior número de cadeiras, terá de ir então para um lugar diferente da igreja protestante que costuma frequentar. Ela possui apenas duzentas cadeiras! Teria também de passar por alto a maior igreja protestante desta cidade. Ela possui apenas mil assentos! E até a própria catedral católica não satisfaria sua procura de cadeiras. Provavelmente terá apenas cinco mil assentos. Talvez o principal teatro da cidade, com suas dez mil

poltronas, pudesse satisfazer seu anelo, mas acho que o grande estádio causar-lhe-ia maior impressão. Entretanto, gostaria de perguntar-lhe outra vez: *Que está a senhora procurando realmente — cadeiras ou vida eterna?*”

### **Pedras às Toneladas**

A preocupação daquela senhora é comum a muitas pessoas hoje em dia. O número de defensores duma idéia é decididamente mais importante do que a própria idéia. Que lástima! Para muitos a embalagem parece ter mais importância do que a mercadoria. A aparência exterior, até certo ponto, é de primordial importância, superando o valor interno das coisas. Como pregadores da verdade, precisamos constantemente lembrar nossos companheiros de jornada da veracidade desta simples observação: As coisas realmente preciosas são raras neste mundo. As pedras ordinárias podem ser encontradas às toneladas, em toda a parte, mas as pedras preciosas são juntadas com dificuldade. Também se pode conseguir toneladas de ferro, mas o ouro puro é avaliado em gramas. Pessoas sem princípios podem ser encontradas em qualquer esquina, mas pessoas íntegras, que ajam por convicção e com a consciência limpa, raramente são encontradas! Portanto, é nosso dever e privilégio salientar aquilo que verdadeiramente é importante na vida, e rejeitar o que é secundário. Jesus desprezou muitas coisas que eram consideradas de alto valor em Seu tempo, e deu Sua aprovação às questões de real importância.

### **Aparência Superficial ou Realidade?**

Podemos aprender algo observando a vida das pessoas. Nunca vemos alguém compadecer-se de si mesmo por ser o único a possuir certos privilégios. O homem mais rico da cidade não se aflige por ser a única pessoa com semelhantes haveres. O homem que ocupa a dianteira e é humanamente poderoso, não se angustia por arcar sozinho com êsses privilégios. A pessoa que possui beleza física não se entristece por isso, tampouco o corredor se entristece por vencer e chegar sozinho no final da corrida. Assim, de acordo com as conveniências humanas, os indivíduos preferem estar entre os poucos privilegiados que ocupam posição avantajada. Contudo, quando é feita alguma revelação de valor eterno, apenas poucos se regozijam na verdade, como quando o etíope foi batizado por Filipe, ou Lídia foi batizada por Paulo e Silas. A maioria rejeita aquilo que é de valor e dedica sua atenção ao que o mundo dirá a respeito deles. O homem que encontrou o tesouro escondido não se incomodou absolutamente por achar-se sozinho em sua descoberta. Sabia o que êsse tesouro significaria para êle na

## “Prezado Pastor”



NESTE momento o senhor terá olhado para o carimbo postal da desconhecida e pequenina cidade que aparece no envelope de minha carta, e para minha estranha assinatura. O senhor não me conhece.

Escrevo-lhe a respeito de uma visita que irá à sua igreja esta semana. Sei que numa congregação tão grande como a sua, provavelmente não lhe será possível reconhecer todo visitante que apareça. Todavia, por difícil que meu pedido possa parecer, solicito-lhe que se esforce bastante para falar com ela. Quero dizer, ser-lhe-ia possível falar algo especialmente para ela?

Conquanto me sinta um tanto acanhada para escrever ao senhor, quase acho ser meu dever informá-lo acerca de Lynn. Ela foi minha colega de quarto no colégio. Não frequenta a igreja desde há vários anos, isto é, desde seu casamento. Não que tenha abandonado a igreja por causa do marido; suponho que isto deixou de ter muita importância e que ela achou mais conveniente não ir. Tenho escrito para Lynn e orado em seu favor, durante muito tempo, e agora, finalmente, ela pretende visitar a igreja. “Isto lhe trará alegria, Joaquina,” dizia sua carta. “Irei à igreja na próxima semana. Apenas por consideração a você.” Não é este um motivo importante, bem o sei. Mas ela intenciona ir. É tudo o que posso conseguir no presente.

---

vida eterna, e regozijou-se portanto na bênção que lhe adviera. Disse Jesus: “Os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz.” S. Luc. 16:8. E ao vermos quanto os filhos deste mundo se regozijam na posse de seus tesouros efêmeros, e quão tristes às vezes se mostram os cristãos, perguntamos a nós mesmos: Por que é isto assim? A resposta não é difícil. A maioria das pessoas fora da igreja, e mesmo algumas dentro dela, não olham suficientemente para o invisível. Tanto os descrentes de fora como os indiferentes dentro da igreja são cegados pela vaidade das coisas. Irmãos, que estamos procurando? A aparência superficial ou a realidade? Cadeiras ou verdades?

Oh! por favor não a julgue por sua aparência. Ela parecerá insensível e terrivelmente mundana em seu modo elegante. E embora somente sua cabeleireira saiba isto ao certo, o senhor provavelmente terá algumas dúvidas sobre o aspecto loiro e dourado de seus cabelos arrumados com apuro. Estou bastante receosa de que esse aspecto exterior afaste a cordialidade que ela tem necessidade de sentir. Conheço-a bem e sei quão triste e solitária realmente é a sua pessoa, devido a haver-se distanciado de Deus.

Procurara ser insensível e descuidada para com Ele quando compartilhei um quarto e um ano escolar com ela. Éramos completamente diferentes uma da outra nesse tempo, e por qualquer razão, talvez devido a isso, tornamo-nos amigas muito chegadas.

Admirava-me de moças como ela — moças que pareciam interessar-se em nada mais do que vestidos e rapazes. Os deveres escolares não as absorviam, nem o grêmio estudantil ou os clubes e projetos especiais. A respeito de que assuntos gostavam as moças de escrever, que esperavam do futuro e que falavam sobre os adultos? Tive real oportunidade de descobrir isto. Fiquei surpresa.

Lynn era uma pessoa magnânima e honesta, mas desenvolvera o costume de encobrir essas virtudes. Via-a sorrir friamente durante um culto de consagração e conversar alegremente com suas amigas ao voltar para o dormitório, somente para chorar com a cabeça afundada entre o travesseiro, no escuro, e exclamar: “Por que não posso dizer que amo a Jesus? Por que não consigo viver de tal maneira que não parecesse ridículo se eu declarasse que O amava?”

Eu desejava ajudar a Lynn. Fiquei contente quando ela começou a realizar regularmente o culto comigo.

Certo dia, enquanto eu lavava o cabelo no vão da parede contíguo ao nosso quarto, ouvi Lynn entrar palestrando com algumas amigas. Dizia ela: “Mas a irmã White não era absolutamente como vocês pensam. Sucede apenas que ela estava muito interessada em nossos problemas. Vocês deveriam ler por si mesmas o que ela escreveu. Eu a amo. Quisera ter sido sua filha.”

Tive de sorrir.

O problema de Lynn parecia girar em torno do fato de que seu traço característico era sua beleza de modelo de casa de modas. Esmerava-se em sua arrumação pessoal e sua popularidade. Era este o seu fator de superioridade. Desejava fazer piruetas no gramado e dizer: “Estou tão contente por ser moça!” O mesmo sucedia com todos os rapazes do colégio. Além de sua aparência pessoal, ela era a venturosa possuidora de perpétua energia e do que chamarei de sensação de alegria.



Contudo, foi justamente este êxito que causou a perda da experiência espiritual que ela almejava. Talvez nenhuma de nós compreendesse que as duas coisas eram quase mutuamente incompatíveis. Além da alegação de não ter tempo, que era seu principal pretexto, a imagem folgazã por ela criada estava sutilmente em conflito com qualquer experiência genuína de natureza espiritual. Não parecia errado ter tanta diversão, e quem diria que suas amizades e encontros eram pecaminosos? Eu costumava ser filosófica na minha opinião a seu respeito. Parecia tão estranho que suas fraquezas fôsem tão reais como as minhas próprias, que diziam respeito à honestidade e à competição, ou tão reais como as fraquezas das môças que lutavam contra as tendências de bisbilhotar, mentir ou ler novelas. Eu pensava comigo mesma quantas môças mais estariam demasiado ocupadas para vital meditação, se tivessem o êxito social de Lynn. Era quase como se sua compleição corporal, os próprios genes, conspirassem contra ela.

Conservá-la no colégio o ano todo foi uma tarefa penosa. Ela almejava ter mais dinheiro e liberdade. Não voltou no outro ano.

Depois de trabalhar durante algum tempo, Lynn casou com um jovem e bem sucedido agente de publicidade. As cartas que me escreve têm estado repletas de felicidade, a não ser alguns indícios ocasionais de anseio — como quando ela me falou a respeito da Recolta. “Eu ouvi aquela música, e oh! Joanninha, eu sabia o que era. Quando o homem chegou a minha casa fiquei bastante envergonhada do meu *bá-ton* e de meus braceletes. Fiquei com vontade de detê-lo e dizer: ‘Não é preciso explicar isso; eu sei do que se trata.’ Mas eu não parecia diferente de qualquer outra pessoa a quem êle solicitara donativos, por isso apenas lhe entreguei todo o dinheiro que tínhamos em casa e chorei durante uma hora depois que êle saiu. Você sabe como eu costumava detestar a Re-

colta. Deve ter sido o tom de sua voz e seu semblante sério e feliz.”

Dêsse tempo para cá ela sempre tenciona visitar a igreja. É uma mãe agora e poderá ser que desta vez se entregue completamente a Cristo. Ser-lhe-ia possível ajudá-la? Seja qual fôr o assunto sôbre que o senhor pregar, e como quer que o diga, repita que Jesus a ama.

Ao pensar no senhor e em Lynn, cogito que o senhor terá pelo menos algumas pessoas como ela em sua igreja cada semana — visitantes de uma só vez; visitantes que não pretendem voltar mais, mas que devido a alguma prolongada ligação passada, estão apenas visitando. Provavelmente o senhor terá pensado nêles, mas se isto não se houver dado, eu apenas queria falar-lhe acêrca de Lynn.

Tenho freqüentado uma grande igreja. Sei o que significa ser demasiado tímida para falar a estranhos, com receio de que tenham sido membros ali há mais tempo do que eu. Espero não haver negligenciado também a visita recomendada por alguma outra pessoa. Se tão-somente alguém falasse com Lynn! Ao observar seu maravilhoso traje, talvez alguma senhora da sociedade Dorcas também reparasse que êle foi feito a mão, e conversasse com ela sôbre as atividades dessa organização de assistência social. Parece incongruente, mas é disto que Lynn gosta. Sei que ela iria às reuniões e trabalharia incansavelmente na obra de beneficência social.

Pensará o senhor em Lynn por um momento ao estar em pé ali no púlpito este sábado, pastor? Não sômente porque ela é minha amiga e eu negligenciei trabalhar em seu favor tão diligentemente como devia, mas em razão de que seu nome pode logo ser chamado perante um trono de luz, num céu de silêncio. Se seu nome permanecerá no livro da vida do Cordeiro ou se será apagado, depende quase inteiramente de Lynn. Mas na infinita totalidade do registro dela, pastor, nossas influências far-se-ão sentir.

JOANA MARIA COOK

## Represália

Artifiosas formas de represália são contraídas facilmente pelo ministro insensível e não consagrado. Caso algum membro faça algo para contrariá-lo, ou se não der pleno apoio a determinado programa da igreja, é bem provável que este tipo de obreiro retribua ao ofensor com alguma espécie de desforra. . . . Todos somos humanos, e o único remédio para o espírito de represália é manter a memória constantemente fixa no Senhor Jesus Cristo. Imitar o Salvador produzirá um poder suficientemente forte para seguir a justiça e rejeitar o sentimento de desforra. Esse poder manifestar-se-á nos sermões, nas reuniões de comissão e de negócios da igreja, ao dirigir o automóvel, no trato com a família e em nossas relações com os companheiros de trabalho. Acima de tudo, evidenciar-se-á na total e boa acolhida que dermos à pessoa, independente de sua atitude para conosco. Quando sa-bemos no íntimo que amamos nossos inimigos, passamos da morte para a vida, e a desforra será inteiramente alheia à nossa revivificada natureza espiritual.

J. R. SPANGLER.

# O Pastor e Seu Rebanho

J. O. WILSON

Ministro Aposentado, Luisiana, EE. UU.



**D**AVI, o pastor e rei de Israel, imaginou a Deus como o grande Pastor de Seu povo. "O Senhor é o meu Pastor: nada me faltará," cantava êle (Salmo 23:1). E êste rei de mentalidade e índole pastoral foi citado como uma figura do Messias vindouro, o verdadeiro Pastor de Seu povo (Ezeq. 34:23).

Quando Cristo veio à Terra e viveu entre os homens, aprouve-Lhe referir-Se a Si mesmo como o Pastor de Seu povo: "Eu sou o bom Pastor," disse Êle (S. João 10:11). E quando viu o povo sem uma liderança apropriada, compadeceu-Se dêles e considerou-os como "ovelhas que não têm pastor" (S. Mat. 9:36).

Paulo faz alusão ao Messias como "o grande Pastor das ovelhas" (Heb. 13:20), e Pedro O chama de "Supremo Pastor" (I S. Ped. 5:4). Isto sugere que os que se associam ao Messias no cuidado de Seu povo podem ser considerados como pastôres auxiliares ou sub-pastôres. O povo de Deus é reiteradas vêzes mencionado como "rebanho," e os dirigentes responsáveis pelo povo de Deus como pastôres — auxiliares do Supremo Pastor. Disse Paulo aos anciãos da igreja de Éfeso: "Atendei por vós e por todo o rebanho" (Atos 20:28); e Pedro, dando instruções aos anciãos da igreja, aconselha: "Pastoreai o rebanho de Deus" (I S. Ped. 5:2).

É portanto bem estabelecido que os indivíduos designados como dirigentes entre o povo de Deus devem considerar-se não como agentes policiais, governadores, juizes ou ditadores, mas como meigos pastôres. Declara Pedro: "Nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho" (I S. Ped. 5:3).

E não sòmente os pastôres e dirigentes, mas até certo ponto cada membro do rebanho é um auxiliar do Pastor por excelência. Paulo diz que os fortes devem animar e ajudar os fracos (Rom. 14:1; 15:1). E pessoa alguma é tão fraca que não haja alguém mais fraco ainda, a quem pode e deve ajudar. Temos o terno coração do verdadeiro Pastor?

## O Objetivo da Igreja

O Senhor instruiu Sua mensageira, Ellen G. White, a escrever estas palavras: "A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 9. Aquêles que o Senhor deseja salvar, são por Êle conduzidos a Sua igreja. "E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aquêles que se haviam de salvar." Atos 2:47.

A porta do aprisco deve ser aberta para todos os que procuram a salvação. E visto que o Bom Pastor é também a "porta," podemos estar certos de que Sua vontade é que todos quantos se dirigem para Êle em busca de segurança devem ser recebidos no aprisco (a igreja). Aquê-le que bate à porta do coração de cada pessoa, solicitando entrada, certamente abrirá a porta do aprisco para todos os que Lhe derem entrada no coração. E todos os auxiliares do Bom Pastor devem ser cautelosos, para que em seu empenho por evitar a entrada de pessoas indignas, não proíbam o ingresso dos que o Senhor está atraindo para Si.

É dever dos pastôres guardar os seus rebanhos e impedir os inimigos de penetrar no meio dêles para destruí-los. Paulo exortou os anciãos como pastôres, a olhar "por todo o rebanho," porque — disse êle — "Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão ló-bos vorazes que não pouparão o rebanho" (Atos 20:28 e 29).

Também é dever dos pastôres providenciar para que as ovelhas estejam no aprisco. Deixar descuidosamente algumas ovelhas do lado de fora, enquanto se impede a entrada de ló-bos no aprisco, seria um êrro tão grave como negligenciar proteger o rebanho contra os ló-bos.

## O Coração do Verdadeiro Pastor

E é nisto que o coração do verdadeiro pastor é mais suscetível de ser provado. Às vêzes é mais fácil combater os ló-bos do que guiar o rebanho com ternura e paciência.

As ovelhas de vez em quando podem causar dificuldades. Talvez o pastor seja então tentado a dizer: "Se não podeis portar-vos devidamente aqui dentro, retirai-vos para o meio dos ló-bos." Quem sabe êle deduza precipitadamente que o causador de dificuldades seja um "lô-bô disfarçado em ovelha," devendo pois ser expulso imediatamente. Esta, porém, jamais será



a atitude do verdadeiro pastor. Nem todo molesto ocupante do redil é forçosamente um lobo disfarçado em ovelha, para ser despedido sumariamente. O pastor não deve considerar a tranqüilidade no aprisco de mais importância do que a salvação de todos os possíveis ocupantes do redil. Sua principal preocupação não será livrar-se do causador de dificuldades, mas sim instruí-lo e adestrá-lo pacientemente.

### Apêlo Para Suavidade

Ora, deve ser evidente e óbvio para todos que o maior perigo entre os pastores do rebanho de Deus não está em ser demasiado brando e paciente, mas em ser excessivamente propenso a eliminar os que perturbam a paz do aprisco. Pastores e dirigentes do povo de Deus têm às vezes errado nesse sentido, e por ocasião da sessão da Conferência Geral de 1954 nossos líderes mundiais fizeram vigoroso apêlo aos nossos obreiros denominacionais, em tôdas as partes do mundo, para reformarem seus métodos de lidar com o rebanho de Deus. Foi salientado que tem sido causado grande dano e experimentada enorme perda devido à severidade e falta de amorosa simpatia por parte dos que foram escolhidos como pastores do povo do Senhor.

Os membros do rebanho também têm partilhado dêsse grave êrro, sendo por demais propensos a criticar e censurar, e a votar a rejeição de membros fracos e errantes.

O veemente apêlo para que os pastores do Senhor e Seu povo abandonem seus métodos rigorosos e cultivem a brandura do Verdadeiro Pastor, foi impressionantemente sintetizado no livro *O Pastor-Evangelista*, de R. A. Anderson. Cada obreiro da denominação e cada membro, se possível, deveria ler o maravilhoso conselho contido neste volume. Do capítulo "Reavendo os Transviados," citamos o seguinte:

"No Nôvo Testamento raramente se encontra uma sugestão quanto a expulsar pessoas da igreja, mas tôda a ênfase é dada a nela conservá-las; ou, se alguém se tem extraviado, ganhá-lo de nôvo e de nôvo trazer o perdido para o aprisco. Se, contudo, devido a uma flagrante, persistente e desafiadora apostasia tem de ser retirada a mão da comunhão, deve a igreja empreender essa terrível tarefa com profunda humildade e muita oração."

Como pastores, fariamos bem em estudar cuidadosamente êsse parágrafo. Declara que isto de precisar a igreja excluir um membro, é uma "terrível tarefa," e quando ela tiver de fazer semelhante coisa, deve fazê-lo "com profunda humildade e muita oração." Notai também que excluir um membro só é necessário quando houve "flagrante, persistente e desafiadora apostasia." Citamos novamente:

"A igreja é o corpo de Cristo. É ela o objeto de Sua suprema consideração. Por ela de-

pôs Ele a Sua vida. E todo membro, individualmente, Lhe é precioso. Mesmo aquêlo que nos possa parecer naturalmente destituído de atração faz parte do Seu corpo, e nossa atitude para com tal pessoa é o índice de nossa atitude para com o próprio Senhor.

"Visto à luz do Calvário, até o mais indesejável dentre nós vale mais do que mundos. Bem fazemos em nos lembrar disso, quando, como pastores, somos chamados para lidar com os nossos irmãos. Tempos virão em que a igreja terá de tomar uma decisão quanto a alguns que têm naufragado na fé. Pode ser que até mesmo alguns nomes tenham de ser retirados dos registros da igreja; mas, quando aparecem tais ocasiões, (e deviam ser poucas e bem distantes umas das outras), deve a igreja humilhar-se em oração diante de Deus. Desligar um membro da comunhão da igreja deve ser uma experiência muito solene e que toca o coração. Coisa alguma nas relações humanas com ela se pode comparar. É muito pior que a morte, porque se um membro adormece em Cristo, e nós o levamos ao descanso, é isso apenas até que 'Raie o dia e as sombras desvanecem.' Mas se alguém que andava conosco na comunhão da igreja perde o caminho e se afasta da suave atração e súplicas do Espírito de Deus, e por sua própria vida não regenerada 'se separa' de nosso grupo (e essa é a única condição que nos permite retirar um membro do registro da igreja, segundo as Escrituras), não é isso por um tempo, mas para a eternidade. Pode, contudo, um milagre da graça restituir tal pessoa ao aprisco, e por essa volta nunca devemos deixar de trabalhar e orar. Contudo, a menos que se dê tal milagre, não somente está êle perdido para os nossos registros, mas perdido para o reino, e perdido para sempre. Que coisa terrível! E assim mesmo tão verdadeira!"

À luz dêsses pensamentos, a exclusão de membros da comunhão da igreja deve ocorrer muito raramente. Essas terríveis experiências "deviam ser poucas e bem distantes umas das outras." Ser excluído da igreja é "muito pior que a morte." E somente quando um membro se afasta do Espírito de Deus deve êle ser removido dos registros da igreja. Continuando, acrescenta o mesmo autor:

"Sentimos nós nossa responsabilidade como dirigentes da igreja? Estão nossos membros e oficiais da igreja plenamente côncios da responsabilidade que assumem quando desejam eliminar alguém do rol da igreja? ... Alguns têm sido trazidos precipitadamente para a igreja a fim de fazer relatórios num sistema de evangelismo de competição. Se isso é verdade, então é uma tragédia. Mas agora que estão dentro da igreja, qual é sua responsabilidade para com êles?"

# Sermões Soporíficos

D. A. DELAFIELD

Secretário Associado do Patrimônio de E. G. White

OS DICIONÁRIOS definem *soporífico* como aquilo “que causa ou tende a causar sono.” É uma palavra composta e derivada dos vocábulos latinos *sopor*, significando “sono pesado,” e *facere*, significando “fazer.” Em outras palavras, *soporífico* quer dizer contribuir para um sono pesado.

Os sermões podem produzir sono. A fim de evidenciar isto, observai para ver se há pessoas dormindo aqui e ali enquanto estiverdes pregando. Não as desconsidereis; pior ainda, não vos desculpeis a vós mesmos, dizendo: “Devem ter comido demais durante o almoço ou o jantar,” ou “São idosas e não conseguem permanecer acordadas na hora do culto.” Fazei com que cada pessoa adormecida que vêdes vos seja como que um medicamento estimulante, um alcalóide mental, um excitador dos nervos. Poderá ser apenas que eles não comeram o suficiente. Poderá ser apenas que estejam famintos e que não lhes proporcionais bastante alimento espiritual. Talvez não sejam eles que tenham idade avançada, mas sim o vosso sermão, pois quem sabe o pregastes muitas vezes, e já o ouviram antes!

É bom que examineis a vós mesmos, como o fez um pregador aposentado. Ele ainda se mantinha razoavelmente ativo nas igrejas. Como não conseguisse dormir de noite, tentava preparar seus sermões durante as horas de insônia, enquanto se achava na cama e as luzes estavam apagadas. Descobriu que ao fazer isso, pegava no sono! Ponderou que se seus sermões o levavam a pegar no sono, podia compreender por que faziam outras pessoas adormecer. A análise de si mesmo pode ser útil.

Caso o preparo do sermão deixe de emocionar-vos e fazer-vos estremecer, com a formação de novos pensamentos acerca de Deus e da verdade, vosso sermão fará as pessoas dormir também. Se o preparo de vosso sermão vos deixa despertados, revigora-vos para a batalha e vos introduz novo e santo brilho nos olhos, podeis estar certos de que também será incentivador para vossa congregação. Lembrai-vos de que o Deus que disse: “Assim dá Ele aos Seus amados o sono,” referia-Se aos santos em suas camas à noite, e não aos santos nos bancos da igreja, aos sábados.

“Uma vez que tenham entrado na relação do concerto com seu Redentor, é responsabilidade da igreja ajudá-los a manter essa experiência.

... Havendo sido batizados, são agora membros da família de Deus. São bebês recém-nascidos e precisam da alimentação e do cuidado dos membros mais velhos da família. Havendo-se levantado das águas batismais, devem agora ‘andar em novidade de vida.’ É verdade que alguns serão mais fracos do que outros. Isso já se deve esperar. Algumas crianças aprendem a andar mais depressa do que outras. E quando os bebês começam a andar não nos surpreendemos se forem um pouco vacilantes. Se caírem, todos os membros capazes da família correm em seu auxílio. . . .

“Não se requer graça espiritual para criticar um irmão mais fraco. A natureza humana sempre está pronta para censurar e discutir. Mas nós não podemos lidar com os membros da igreja no mero nível humano. Eles, como nós mesmos, foram feitos filhos de Deus; são ‘participantes da natureza divina.’ (II S. Ped. 1: 4), e, como pastores, devemos manifestar por eles verdadeira preocupação. Se houver pessoas

fracas, cerquemo-las então de forças, simpatia, e amor fraternal, cuidando de nós mesmos, para que não venhamos também a ser tentados. Isso é que é verdadeiro cristianismo.

“Nossa perda de membros devia causar alarme. E muitos dêsses poderiam ter sido salvos para o reino se apenas nossa atitude como pastores fôsse diferente, ou se nossa preocupação por eles tão-somente fôsse maior.”

Mas o pastor assume a responsabilidade de livrar-se dos causadores de dificuldades, ou de “limpar os registros.” Recomenda a remoção de certos nomes, e a igreja vota sua eliminação. E muitas vezes, quando é tomada semelhante medida, “não há choro, nenhuma súplica especial, nenhum jejum, nenhum exame do coração da parte dos oficiais da igreja para ver se, porventura, a causa não jaz nêles.”

A última frase exige séria reflexão. Será possível que quando um membro é faltoso, obstinado e apostatado, a causa de sua situação esteja com o pastor ou os oficiais da igreja? Isto certamente constitui motivo para exame do coração com jejum e lágrimas. Se os pastores



## Meditação

"HÁ ALGUM tempo faleceu um homem que deixou uma fortuna de milhões de dólares para seu filho, que era um rapaz estouvado e que se entregava aos desvarios da mocidade, jamais se dando a reflexões sérias. A mãe falecera muito antes, assim êsse jovem era o único herdeiro. Aquela enorme fortuna, porém, foi-lhe legada sob a condição de que durante um ano inteiro êle se dirigisse para um quarto vazio, baixasse as persianas das janelas e se assentasse ali meia hora diariamente, sem livros, jornais ou outra qualquer coisa além da cadeira em que devia assentar-se. Quando o rapaz já havia cumprido essa condição pelo espaço de três meses, era uma pessoa transformada; e conseguiu o dinheiro. . . .

"Demorai-vos em grandes assuntos, e êles concorrerão para engrandecer vossa pregação, tornando-vos grandes pregadores." — H. M. S. RICHARDS, em *Feed My Sheep*.

e oficiais de igreja realizassem mais dessa obra de examinar o coração, haveria bem menos apóstatas e exclusões de membros. Que desafio é isto para os pastores!

"Quão diferente é o método do Senhor! — continua o Pastor Anderson. Quando os nossos casos estavam na balança, Êle Se lançou na brecha. Êle salvou um mundo pelo sacrifício de Si mesmo. E que repto nos é lançado no exemplo de Moisés! Tão unido estava êle com seu povo que quando o Senhor disse que o iria destruir, Moisés ousou ir à presença de Deus e rogar que o Senhor removesse até mesmo o seu próprio nome do livro da vida caso não pudesse Êle salvar aqueles a quem tirara do Egito (Êxo. 32:30-32). Para êle seu rebanho era mais que a vida — parece que até mais que a vida eterna. É assim convosco, queridos companheiros pastores? . . .

"Necessitamos de um evangelismo que faça mais que trazer pessoas para dentro da igreja. Necessitamos de um evangelismo que nela as conserve. Que adianta trazer novas pessoas pela porta da frente da igreja enquanto permitimos que nossos próprios membros escapem pela porta dos fundos? E nem sempre êles *escapam*; muitas vêzes são tocados.

"Poucos anos atrás certo irmão foi designado para pastorear uma igreja numa zona rural. . . . Vindo para seu nôvo cargo, bem depressa tornou conhecido seu programa. Iria 'limpar' a igreja. Insignificantes irregularidades se tornaram motivo para investigação e disciplina da igreja. Não demorou muito para que aquela pequena igreja de quarenta e cinco membros estivesse reduzida a quinze! Seu grito de batalha, ao sair para combater contra as fraquezas da igreja, parecia muito ortodoxo, mas seus métodos eram tão destituídos de misericórdia quanto destituídos de Cristo. 'É melhor ter seis cristãos *verdadeiros*,' disse êle, 'do que uma igreja cheia de meios-cristãos.' Tal conversa é *irrazoável* e insensata. Como deve ter isso deleitado o diabo! Certamente desejamos cristãos verdadeiros em nossas igrejas. Mas a verdadeira comunhão não se edifica com uma ditadura. Só o Espírito de Cristo pode purificar Sua igreja. . . .

"Nossos membros precisam de mais do que apenas correção; precisam de cuidado. A confiança e o amor da parte dos pastores, fará mais do que a censura e a disciplina. Deve o rebanho ser guiado, não tocado. . . .

"Jesus disse: 'Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.' E o amor não deve ser expresso pelo barulho e clamor, mas por atos e atitudes calmos de devoção. É de se lamentar que tantas pessoas 'em vez de imitarem a Cristo em Sua maneira de trabalho, são severas, críticas e ditatoriais. Repelem em vez de ganhar almas. Tais

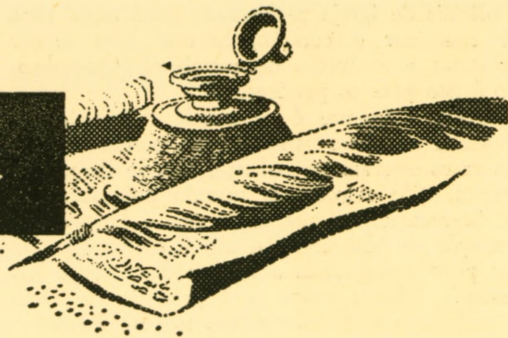
pessoas nunca saberão a quantos fracos suas palavras ásperas têm ferido e desanimado.'

"É na verdade entristecedor reconhecer que tendo sido chamados para o sagrado serviço de ganhar homens e mulheres para Cristo, realmente as estejamos afastando do Salvador, simplesmente porque o nosso espírito repele em vez de atrair.

"Tão diferente era o método do Mestre! Para êle, era mais importante ganhar homens que ganhar argumentos. Tôdas as classes de pessoas eram atraídas para o Salvador.

"A beleza de Seu semblante, a amabilidade de Seu caráter e, sobretudo, o amor expresso no olhar e na voz, atraíam para Êle todos quantos não estavam endurecidos na incredulidade. Não fôra o espírito suave, cheio de simpatia, refletindo-se em cada olhar e palavra, e Êle não teria atraído as grandes congregações que atraíu."

A respeito do Messias, o Supremo Pastor de Seu povo, foi profetizado: "Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fuma" (Isa. 42:3). Enquanto houver uma centelha de esperança no coração humano, o termo pastor tratará êsse indivíduo com bondade, procurando também aumentar-lhe a esperança e a fé, e conduzi-lo à salvação. Todo auxiliar do Supremo Pastor deve participar dêsse espírito. Queira Deus conceder-nos o coração de um verdadeiro pastor.



## Erros de Estrutura Vocabular

PEDRO APOLINÁRIO

Professor de Português e Grego

**M**UITAS palavras existem, que por influências várias, se afastaram da sua origem correta. A forma exata e verdadeira deve ser conhecida e empregada por todos os que desejam falar e escrever com propriedade. Inúmeros são, neste aspecto, os erros encontrados em nossa linguagem, e entre êstes destaquemos os seguintes:

Abóbada — e não abóboda  
Aeroporto — e não areoporto  
Arrepio — e não arripio  
Babadouro — e não babador  
Bandeja — e não bandeija  
Beneficência — e não beneficiência  
Cabeçalho — e não cabeçário  
Cabeleireiro — e não cabelereiro  
Caramanchão — e não carramanchão  
Cataclismo — e não cataclisma  
Chimpanzé — e não chipanzé  
Coradouro — e não quarador  
Criar — e não crear  
Criminologia — e não criminalogia  
Descortino — e não descortínio  
Dignitário — e não dignatário  
Disenteria — e não desinteria  
Empecilho — e não impecilho  
Encarnado — e não incarnado  
Estrelados (ovos) — e não estalados  
Exprobrar — e não exprobar  
Fratricídio — e não fraticídio  
Frontispício — e não frontespício

Goela — e não guela  
Idoneidade — e não idoneidade  
Infligir — e não inflingir  
Insulso — e não ensonso  
Irrascível — e não irrascível  
Irrequieto — e não irriquieto  
Lancinante — e não lacinante  
Lentejoula — e não lantejoula  
Lucubração — e não locubração  
Mágoa — e não mágua  
Mendigo — e não mendingo  
Meteorologia — e não metereologia  
Mortadela — e não mortandela  
Opróbro — e não opróbio  
Pantomima — e não pantomina  
Paralelepípedo — e não paralepípedo  
Prazerosamente — e não prazerosamente  
Privilégio — e não previlégio  
Problema — e não poblema  
Proprietário — e não propietário  
Protagonista — e não protogonista  
Silvícola — e não selvícola  
Sinapismo — e não sanapismo  
Sinusite — e não sinosite  
Suadouro — e não suador  
Terçol — e não tressol  
Tetraneto — e não tataraneto  
Tetravó — e não tataravó  
Umbigo — e não embigo  
Ungüento — e não enguento.





## MÚSICA

# O Canto Cristão - II

HUGO DARIO RIFFEL



NO início do Século XVI se notava no mundo religioso um mal-estar que ameaçava quebrar a monolítica estrutura político-eclesiástica centralizada em Roma. O que os valdenses e albigenses, Wiclef, Jerônimo e Huss tanto anelaram, ia realizar-se.

Como é natural, todo reavivamento religioso é acompanhado por intensa atividade musical. Assim é que em 1504 os Irmãos Boêmios, continuadores da obra de Huss, publicaram o "Livro de Hinos da Confraria Boêmia," coleção de 400 hinos reunidos pelo Bispo Lucas. Foi o primeiro hinário escrito em língua vernácula, e contém salmos, traduções de antigos hinos em latim e canções religiosas autóctones. Miguel Weiss publicou em 1531 uma versão alemã.

Apenas 20 anos mais tarde, em 1524, apareceu o "Etlich Christliche Lieder, Lobgesang und Psalmen," (1) com 8 hinos métricos, dos quais 4 eram próprios, começando assim o grande Lutero sua obra genial em favor do canto congregacional. Os hinos de Lutero foram aprendidos com avidez e espalhados por toda a Alemanha. O insigne reformador quis então que o canto congregacional não somente fôsse a expressão do sentimento religioso popular, mas que se devia introduzir a polifonia até então privativa da Igreja Romana. Foi publicado, portanto, em 1524, poucos meses depois do primeiro hinário, um livro de canções sagradas para três, quatro e cinco vozes, e em 1534, Walther publica outro hinário com 43 melodias em estilo polifônico. A partir desse momento se sucederam os hinários com melodias compostas segundo a maneira polifônica, estilo que culminou com a obra imortal de J. S. Bach. (2)

Há outros compositores de hinos de elevada categoria que não podemos deixar de mencionar: Gerhardt, Rinkart, Nicolai, Neumark, Schmolck, Tersteegen.

Por sua vez, os reformadores de língua francesa não ficaram ociosos. Calvino mandou publicar em 1562 o célebre "Saltério de Genebra," que continha os 150 Salmos numa versão métrica francesa, realizada por Marot e Beza. Calvino queria que o canto fôsse puro e sem distrações, por isso suprimiu a polifonia e os acompanhamentos, para que a mente dos fiéis se concentrasse exclusivamente no significado do texto divino. Há outros nomes ilustres entre os autores e recopiladores de hinos e salmos: Conrart, Pictet, Ritter, Verny, Cuvier, Malán, o qual é considerado o pai da hinologia evangélica francesa e foi o autor de mais de mil hinos, e finalmente sobressai a Sra. Guyon, nobre dama católica, muito fervorosa e autora de hinos inspirados. Por sua sinceridade entrou em conflito com as autoridades eclesásticas e esteve aprisionada na Bastilha durante 4 anos.

Nas Ilhas Britânicas a Reforma também produziu uma renovação musical. Na Inglaterra os anglicanos, e na Escócia os seguidores de Knox, favorecem o uso dos Salmos nos serviços religiosos. Mas no início do Século XVIII é produzido um grande avivamento religioso que enriquece a hinologia de língua inglesa. Em primeiro lugar aparece a figura de Isaque Watts, ministro de uma igreja independente em Londres. Escreveu mais de 600 hinos, dos quais se destaca o "Ao Contemplar a Excelsa Cruz" ("Ao Pensar na Dor Crucial" — no *Cantai ao Senhor*), datado de 1707. Escrito durante a celebração do rito da Ceia do Senhor, tem perdurado através dos séculos, graças a sua pureza e simplicidade. É considerado o hino mais perfeito no idioma inglês.

Na Abadia de Westminster há uma singela lápide com a seguinte inscrição: "O melhor de tudo é: Deus conosco," (3) e mais ao alto aparecem os nomes de João e Carlos Wesley. Quem foram estes homens para merecer um lugar entre os grandes do Reino? Trata-se dos fundadores da Igreja Metodista. Possuidores de profunda erudição, sua atividade musical é imensa, bastando recordar que Carlos com-

pôs 6.000 hinos e João foi um notável tradutor, recopilador e editor.

Há ainda um grande número de autores de hinos em língua inglesa, os quais se acham em geral representados em nossos hinários. O Bispo Tomás Ken compõe "A Deus o Pai Celestial." Cowper e Newton publicam em 1779 os "Hinos de Olney," entre os quais se encontram estes dois: "Oh! Quem Poderia Andar com Deus?" e "Há Uma Fonte Sem Igual" ("Eis Uma Fonte," no *Cantai ao Senhor*). Augusto Montagne Toplady compôs um dos hinos mais comovedores de todos os tempos: "Rocha Eterna." João Fawcett, ao despedir-se de seus irmãos, compõe o cântico "Sagrado é o Amor" ("Benditos Laços," no *Cantai ao Senhor*). O hino cantado nas cerimônias batismais: "Oh, Dia Feliz!", nós o devemos à pena de Filipe Doddridge, fervoroso discípulo e admirador de Watts. O Senhor também inspirou piedosas mulheres, como Sara Flower Adams, autora de "Mais Perto Quero Estar." Francisca Crosby de Van Alstyne, cega desde os seis anos, é a autora de mais de 2.000 hinos, entre os quais se destacam "Salvo em Jesus" e "Mais Perto." Carlota Elliott também passou a maior parte de sua vida enferma, contudo preparou um hinário para enfermos e escreveu o hino que tem

ganho mais almas para Cristo: "Cordeiro de Deus" ("Tal Qual Estou," no *Cantai ao Senhor*).

A série de compositores de língua inglesa é interminável, por isso nos afastamos deles para lembrar um grande incentivador do canto congregacional, e autor, recopilador, tradutor e editor de hinos no idioma castelhano. É o notável João Batista Cabrera, nome familiar para quem tenha folheado nem que seja uma só vez o hinário na referida língua, já que seus hinos se repetem, evidenciando a imensa atividade deste pregador corajoso que enfrentou as perseguições e dificuldades com uma canção de ânimo e consolo, como por exemplo este hino:

"Nunca, meu Deus, deixarão estes meus lábios

De bendizer-Te, de cantar Tua glória,  
Porque conservo de Teu amor imenso,  
Grata memória."

(1) Tradução: "Algunos Himnos Cristianos, Cantos de Alabanza y Salmos."

(2) O estilo polifônico é aquele no qual se canta em várias vozes, em contraste com a monodia e o uníssono. Atualmente, em nossos hinários, os hinos estão escritos para as quatro vozes principais: Soprano, contralto, tenor e baixo.

(3) "The best of all is: God is with us."

## Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a

# PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel 9 e os 2.300 Dias de Daniel 8

### Pergunta 25

Os adventistas do sétimo dia procuram vincular Daniel 9 com Daniel 8. Com que fundamento sustentais (1) que os 2.300 dias (tardes e manhãs) de Daniel começam ao mesmo tempo que as setenta semanas de anos de Daniel 9; e (2) que a setuagésima semana já se cumpriu completamente? (3) Visto que sustentais isto, qual é então vossa interpretação de Daniel 9:27?

**S**ENDO que estas perguntas centralizam-se principalmente em Daniel 9, examinemos este capítulo a fim de obter um quadro total, tendo assim a necessária base para as respostas. A profecia das setenta semanas de anos é uma das mais fascinantes e vitais a serem encontra-

das em toda a Palavra profética. Trata do plano de Deus para a redenção do homem, e prediz o tempo do primeiro advento de Cristo, como o Messias, e também o tempo de Sua morte, quando Ele realizou um completo e vicário sacrifício expiatório pelos pecados do mundo.



A profecia das setenta semanas tem que ver com os judeus, a Terra Santa, a Cidade Santa e o santuário — o centro da verdade, do Templo e depois da rejeição do Cordeiro de Deus por Seu antigo povo. Notai o cenário do capítulo: Dario, o medo, estava sobre o trono. Daniel orava e intercedia diante de Deus a respeito da trágica condição de seu apóstata e desobediente povo, e da desolação de Jerusalém e do santuário (versos 3-19).

1. DANIEL 9 — A CHAVE QUE EXPLICA O CAPÍTULO 8. — Os símbolos proféticos de Daniel 8:2-14 — a saber, o “carneiro” como a Medo-Pérsia, o “bode” como a Grécia, e a ponta que “se tornou muito forte” como o poder que viria em seguida, que foi Roma — haviam todos sido explicados por Gabriel, o mensageiro celestial, nos versículos 15 a 26. *Is o é. todos exceto o tempo simbólico abrangido pelos 2.300 dias, com os eventos que assinalavam seu início e conclusão.*

Devido à repentina doença de Daniel ao lhe ser explicada a visão do capítulo 8, Gabriel foi impossibilitado de esclarecer este restante aspecto de tempo — os 2.300 dias dos versículos 13, 14 e 26. A terrível perspectiva da tremenda perseguição a sobrevir ao povo de Deus evidentemente fez com que o idoso profeta enfraquecesse e adoecesse de modo repentino (verso 27). Assim a explicação foi interrompida abruptamente nesse ponto.

Cumpra notar que a parte que não foi explicada dizia respeito ao “santuário e ao exército,” que deviam ser “pisados” durante 2.300 “dias” (tardes e manhãs), havendo especiais eventos a ocorrerem em sua conclusão (versículos 13, 14 e 26). Abrangia um poder perseguidor que se levantaria contra o Príncipe dos príncipes, que prosperaria, e faria o que lhe aprouvesse contra o povo de Deus, mas que finalmente seria “quebrado sem esforço de mãos humanas.”

Esta revelação impressionou profundamente o profeta e, como já foi mencionado, bem pode ter sido a causa de sua enfermidade. O capítulo 8 termina com algumas questões ainda não respondidas. Mais tarde, enquanto Daniel meditava sobre a visão e sua afinidade com a condição de seu povo, instou fervorosamente com Deus pela terminação do cativeiro de Israel e seu regresso à Palestina. Sua oração obteve rápida resposta, pois Gabriel foi enviado para confortá-lo e revelar o plano de Deus mais plenamente.

Gabriel explicara anteriormente tudo a Daniel, menos a parte do tempo da visão simbólica do capítulo 8. Agora ele reaparece para completar a explanação em termos literais (Daniel 9:21 e 22) e para elucidar esta parte restante. O anjo emprega as impressivas palavras: “Entende a visão.” Esta expressão provê

a chave para a explanação, pois o vocábulo “visão” aparece dez vezes no capítulo 8. Convém notar, porém, que em Daniel 8 e 9 são usadas duas palavras hebraicas no texto original: *chazon* e *mar'eh*, que diferem um pouco no significado. Nas traduções em português foi empregada apenas uma palavra — “visão” — para expressar estas idéias ligeiramente diferentes, e como resultado, nem sempre tem sido compreendida a exata intenção do original.

2. OS VOCÁBULOS PODEM SUGERIR CONCEITOS DIFERENTES. — As palavras hebraicas para “visão” podem ser significativas. É possível que quando é usada a palavra *chazon*, se faça referência à visão como um todo. Por outro lado, onde é empregado o vocábulo *mar'eh*, talvez seja feita alusão às coisas especiais vistas e ouvidas na *chazon*. \* Um aspecto visto na *chazon* total foram os “dois mil e trezentos dias” de Daniel 8:14. Esta cena especial é mencionada como “a visão [*mar'eh*] da tarde e da manhã” (verso 26).

Quando o anjo Gabriel, “que eu [Daniel] tinha presenciado na minha visão [*chazon*] ao princípio” (Dan. 9:21), voltou para completar a explicação da visão, ele chamou a atenção de Daniel explicitamente para a visão (*mar'eh*), ao dizer: “Entende a visão [*mar'eh*]” (verso 23).

Importa lembrar que de acordo com Daniel 8:26 e 27, foi a *mar'eh* “da tarde e da manhã” que Daniel não entendeu. Não foi a visão como um todo, pois somente a cena da tarde e da manhã ficara sem ser explicada.

Não pode haver dúvida quanto a esta identificação “da visão.” S. R. Driver, famoso comentarista (*The Book of Daniel*, 1936, pág. 133), reconheceu isto, e escreveu que a “visão ao princípio” (Dan. 9:21) referia-se ao capítulo 8:16. A ligação entre os capítulos 8 e 9 parece inevitável, e o idêntico assunto dos dois capítulos torna-se evidente por si mesmo. *A seqüência no capítulo 9 não é pois uma visão nova e independente, mas sim o prosseguimento da explanação literal da “visão” simbólica do capítulo 8.*\*\*

Desejamos salientar que no capítulo 9 Gabriel não estava introduzindo uma nova sucessão profética. Estava simplesmente continuando e completando a explicação interrompida, reatando o fio do assunto onde o deixara na sua anterior aparição ao profeta, mencionada no capítulo 8. Suas últimas palavras, na ocasião precedente, reforçaram o fato de que “a visão” (*mar'eh*) das 2.300 tardes e manhãs era “verdadeira,” e que o período abrangido por elas devia estender-se a “dias ainda mui distantes” no futuro.

\* A ligeira diferença nas palavras hebraicas foi indicada numa tradução da Bíblia em 1764, por Antônio Purver. *Chazon* ele traduziu por “visão,” mas *mar'eh* foi traduzido por “aparência.”

Em vista destes fatos, que achamos concludentes, os adventistas do sétimo dia — juntamente com grande número de eruditos dos tempos passados — crêem terminantemente que Daniel 9 fornece a chave para decifrar o aspecto do tempo de Daniel 8 — os 2.300 dias-anos. A nosso ver, os dois capítulos são inseparáveis, e para que possa haver qualquer explicação do aspecto do tempo de Daniel 8:14 e 26, precisam ser interpretados desta maneira.

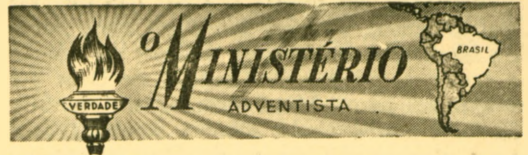
Evidentemente, Daniel 9 foi dado para suprir conhecimento antecipado sobre o tempo da unção de Jesus como o Messias — “Cristo” significa “ungido” no grego, correspondendo portanto ao vocábulo hebraico *Mashiach* — em preparação para Seu ministério público. E Keil, com muitos outros, identifica *mashiach nagid* como o Cristo.\*\*\* A alusão aí não é à Sua encarnação ou nascimento, mas a Sua unção no momento de Seu batismo, pois é então que Ele foi unguido pelo Espírito Santo (Atos 10: 37 e 38) e manifestado como o Cristo, ou Messias. Assim é que André disse a seu irmão Pedro: “Achamos o Messias (que quer dizer Cristo [“ungido”])” (S. João 1:41).

3. “DETERMINADAS” SIGNIFICA “DESIGNADAS,” “DECRETADAS,” “SEPARADAS.” — Gabriel volta-se imediatamente para o aspecto do tempo da visão, e declara: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo [os judeus] e sobre a tua santa cidade [Jerusalém]” (verso 24). A palavra hebraica *chathak*, traduzida por “determinadas,” não aparece em qualquer outra parte da Bíblia, não sendo portanto possível apresentar outros empregos bíblicos deste vocábulo, para ajudar a esclarecer o significado da passagem em apreço.

A edição de 1832 do léxico de Gesenius define *chathak* como “determinar,” “destinar,” e em caldaico, “cortar,” “decidir.” Mas a edição de 1846 dá-lhe o significado de “cortar,” “dividir” e também de “decretar,” “determinar.” O *Student's Hebrew and Chaldee Dictionary* de 1914 define-a como “cortar, decidir, determinar, decretar,” e Rotherham em sua *Emphasized Bible* salienta o significado de “dividir.” Ele passa então a mostrar que o período das

\*\* Numerosos investigadores da Bíblia reconhecem que Daniel 9 é a continuação de Daniel 8, e ao comentar sobre a frase: “Que eu tinha presenciado na minha visão ao principio” (Dan. 9:21), reportam-se a Daniel 8:17 e 27. Entre eles podem ser citados Chr. Wordsworth, T. Robinson, Matthew Henry, William Hales, Thomas Scott, F. C. Cook, *The Cambridge Bible, The Critical and Exegetical Bible* etc.

\*\*\* Numerosos teólogos através dos séculos admitiram que o “Ungido” e “Príncipe” de Daniel 9:25 é Jesus Cristo nosso Senhor. Por exemplo: Nos *País da Igreja*, Clemente de Alexandria (*Stromata* i. 21); Tertuliano (*Answer to the Jews* 8); Orígenes (*De Principiis*); Júlio Africano etc; nos comentários de Calvino, Matthew Henry Clarke, Scott e T. Robinson; no *Westminster Commentary* e no *Christian Workers' Commentary* de Gray; bem como entre expositores ou traduções: Newton, Wieseler, Delitzsch, Von Orelli, Fenton, Young, Knox, King *James Version* e Douay. (Continua na pág. 5)



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia  
Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo  
Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernardo E. Schuenemann  
Redator responsável — Naor G. Conrado  
Colaboradores especiais:  
J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... \$ 3,00  
Número Avulso ..... \$ 0,50



Ano 32 No. 2

NESTE NÚMERO

CAPA: Lutero perante o imperador.  
© Southern Publishing Association, Roberto Ayres, pintor.  
UM PRESIDENTE OROU COMIGO ..... 2

EDITORIAL

Por que Amo a João  
Enoch de Oliveira ..... 3

ARTIGOS GERAIS

Concluindo a Obra de Deus  
W. E. Murray ..... 4  
O Fundamento da Fé Adventista  
Eduardo Heppenstall ..... 6  
A “Justiça Pela Fé” Incentivou a Associação  
Ministerial — III  
Leroy Edwin Froom ..... 10

OBRA PASTORAL

Cadeiras ou Verdade?  
G. Cupertino ..... 12  
“Prezado Pastor”  
Joana Maria Cook ..... 14  
O Pastor e Seu Rebanho  
J. O. Wilson ..... 16  
Sermões Soporíficos  
D. A. Delafield ..... 18

NOSSA LÍNGUA

Erros de Estrutura Vocabular  
Pedro Apolinário ..... 20

MÚSICA

O Canto Cristão — II  
Hugo Dario Riffel ..... 21

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Relação Entre as Setenta Semanas de Daniel  
9 e os 2.300 Dias de Daniel 8 ..... 22

